



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thompson, John B.

Ideologia e cultura moderna : teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa / John B. Thompson. 9. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS.

Título Original: Ideology and modern culture : critical social theory in the era of mass communication.

ISBN 978-85-326-1484-1

1. Comunicação de massa 2. Cultura 3. Ideologia 4. Ideologia – Aspectos sociais I. Título. II. Título: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.

95-2969

CDD-306.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Ideologia e cultura : Sociologia 306.4

IDEOLOGIA E CULTURA MODERNA

Teoria social crítica na era dos
meios de comunicação de massa

JOHN B. THOMPSON



**EDITORA
VOZES**

Petrópolis

Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS: Carmen Grisci, Jefferson Bernardes, Marcos de O. Müller, Rosana Nora, P. Valério Maya, sob a responsabilidade do Prof. Pedrinho A. Guareschi

A produção e circulação das formas simbólicas nas sociedades modernas é inseparável das atividades das indústrias da mídia. O papel das instituições da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil, hoje, imaginar o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós. Dia a dia, semana a semana, jornais, estações de rádio e televisão nos apresentam um fluxo contínuo de palavras e imagens, informação e ideias, a respeito dos acontecimentos que têm lugar para além de nosso ambiente social imediato. Os personagens que se apresentam nos filmes e nos programas de televisão se tornam pontos de referência comuns para milhões de indivíduos que podem nunca interagir um com o outro, mas que partilham, em virtude de sua participação numa cultura mediada, de uma experiência comum e de uma memória coletiva. Mesmo as formas de entretenimento que existiram por muitos séculos, tais como a música popular e a competição esportiva, estão hoje entrelaçadas com os meios de comunicação de massa. Música popular, esportes e outras atividades são em grande parte mantidas pelas indústrias da mídia, que estão envolvidas não apenas na transmissão e apoio financeiro de formas culturais preexistentes, mas também na transformação ativa dessas formas.

As indústrias da mídia nem sempre desempenharam um papel tão fundamental. O surgimento e desenvolvimento dessas indústrias foi um processo histórico específico que acompanhou o surgimento das sociedades modernas. As origens da comunicação de massa podem ser ligadas ao século XV, quando as técnicas associadas com a imprensa de Gutenberg foram assumidas por uma variedade de instituições nos maiores centros comerciais da Europa e exploradas para fins de produzir múltiplas cópias de manuscritos e textos. Esse foi o início de uma série de desenvolvi-

mentos que, a partir do séc. XVI até hoje, conseguiu transformar radicalmente as maneiras como as formas simbólicas foram produzidas, transmitidas e recebidas por indivíduos no curso de suas vidas cotidianas. É essa série de desenvolvimentos que subjazem ao que chamo de mediação da cultura moderna. Esse é um processo que caminha lado a lado com a expansão do capitalismo industrial e com a formação do sistema moderno de estados-nação. Em conjunto, esses processos são constitutivos das sociedades industriais do Ocidente. Eles são também processos que afetaram profundamente o desenvolvimento das sociedades de outras partes do mundo, sociedades que no passado estavam interligadas em vários graus umas às outras e que estão se tornando cada vez mais interligadas hoje. A crescente interconexão das sociedades no mundo moderno é um resultado dos mesmos processos – inclusive a mediação da cultura moderna – que configuraram o desenvolvimento social a partir do início da era moderna.

Nesse capítulo desejo examinar a emergência e o desenvolvimento das indústrias da mídia. Começarei pelo conceito de cultura elaborado no capítulo anterior. A circulação de formas simbólicas em contextos sócio-históricos específicos implica uma série de características que ainda não examinei em detalhe. Discutirei essas características como aspectos diferentes da *transmissão cultural* – isto é, o processo pelo qual as formas simbólicas são transmitidas dos produtores aos receptores. Enfocando o processo da transmissão cultural, podemos realçar uma série de características que são cruciais para a compreensão da natureza e desenvolvimento da comunicação de massa. Baseado nesta análise conceitual preliminar, traçarei então o desenvolvimento de alguns dos principais tipos de meios técnicos de transmissão cultural, e alguns dos principais aparelhos institucionais dentro dos quais esses meios se desenvolveram. Discutirei a importância da escrita e a introdução dos meios técnicos para a fixação das mensagens escritas, dando atenção particular à emergência da indústria da imprensa na Europa e o aparecimento da circulação massiva de jornais nos séculos XIX e XX. Em seguida discutirei o surgimento da difusão e o desenvolvimento das instituições de difusão na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nas duas seções finais do capítulo examinarei algumas tendências recentes nas indústrias da mídia e discutirei o impacto social das novas tecnologias de comunicação.

Aspectos da transmissão cultural

As formas simbólicas são fenômenos sociais: uma forma simbólica que é recebida apenas pelo próprio indivíduo que a produz é mais uma exceção do que uma regra. A troca de formas simbólicas entre produtores e receptores implica, em geral, uma série de características que podemos analisar sob o título de transmissão cultural. Distinguirei três aspectos da transmissão cultural: (1) o *meio técnico* de transmissão, (2) o *aparelho institucional* de transmissão, e (3) o *distanciamento espaço-temporal* implicado na transmissão. A troca de formas simbólicas implica especificamente cada um desses aspectos, em maneiras e graus diversos. Com a emergência e desenvolvimento da comunicação de massa, esses aspectos assumiram novas formas e adquiriram nova importância. Eles se combinaram de maneiras específicas para a produção, mercantilização e circulação ampliada das formas simbólicas. Referir-me-ei a essas combinações específicas como “modalidades de transmissão cultural”. O que é geralmente tomado como um meio específico – tal como os jornais ou a televisão – pode ser teorizado mais rigorosamente como uma modalidade específica de transmissão cultural que combina, de uma maneira distinta, um meio técnico, um aparato institucional e certo tipo de distanciamento espaço-temporal. Consideremos cada um desses aspectos separadamente.

1. O meio técnico de transmissão é o substrato material de uma forma simbólica, isto é, os componentes materiais com os quais, e em virtude dos quais, uma forma simbólica é produzida e transmitida. Esses componentes variam enormemente, é claro, desde as condições de conversação face a face até aos sistemas eletrônicos de áudio para amplificação e difusão; desde a pedra e cinzel, até o papel e a imprensa. Discutirei alguns desses componentes mais adiante nesse capítulo. Aqui quero enfatizar alguns dos atributos gerais dos meios técnicos, com o objetivo de reforçar essas características. Um atributo do meio técnico é o que permite certo grau de *fixação* com respeito à forma simbólica que é transmitida. O grau de fixação varia de um material a outro. No caso da conversação, incluindo a conversação transmitida pelos meios técnicos tais como alto-falantes e telefones, o grau de fixação pode ser bastante baixo e ou não existente; qualquer fixação que ocorra pode depender mais da faculdade da memória, ou da inculcação de rotina ou de práticas ritualizadas, do que de propriedades específicas do meio técnico como tal. No caso da escri-

ta, gravura, pintura, imagem, gravação, etc., pode existir um grau relativamente alto de fixação, dependendo do meio específico empregado – uma mensagem escrita em pedra, por exemplo, será mais durável do que uma escrita em pergaminho ou papel. Em virtude dessa fixação das formas simbólicas, os meios técnicos podem ser vistos como diferentes tipos de *mecanismos de estocagem de informação*. Isto é, eles possuem capacidades diferentes para estocar a informação ou, falando de maneira geral, “o conteúdo significativo”, e permitir que essa informação ou conteúdo significativo possa ser preservado para uso subsequente. A capacidade de armazenamento dos meios técnicos permite que eles sejam empregados como um recurso para o exercício do poder, pois eles podem permitir acesso restrito à informação que poderia ser usada pelos indivíduos para conseguir determinados interesses ou objetivos.

Um segundo atributo do meio técnico é que ele permite certo grau de *reprodução* da forma simbólica. No caso da escrita, o desenvolvimento da imprensa foi decisivo a esse respeito, pois ela permitiu que mensagens escritas fossem reproduzidas em escala que não fora possível anteriormente. Do mesmo modo, o desenvolvimento da litografia, fotografia e do gramofone foram importantes não apenas porque eles permitiram aos fenômenos visuais e acústicos serem fixados num meio durável, mas também porque eles fixaram esses fenômenos numa forma que poderia, em princípio, ser reproduzida. A reproduzibilidade das formas simbólicas é uma das características-chave que subjaz à exploração comercial dos meios técnicos por instituições da comunicação de massa e à mercantilização das formas simbólicas que essas instituições procuram e promovem. A fim de explorar os meios técnicos com eficiência, as organizações comerciais devem desenvolver maneiras de controlar a reprodução das formas simbólicas – por exemplo, aumentando sua capacidade de reproduzir as formas simbólicas ao mesmo tempo que restringindo, através da proteção dos direitos autorais e outros meios, a capacidade de outras organizações fazer o mesmo. Com a emergência dos meios técnicos que permitem às formas simbólicas serem reproduzidas e comercializadas em larga escala, a ideia de uma obra ou forma simbólica “original”, ou “autêntica”, adquire novo significado. A obra original ou autêntica é a que não é reproduzida; ela é, naturalmente, reproduzível, mas a reprodução não é o mesmo que o original e em geral possui menos valor no mercado dos bens simbólicos¹. As disputas nos séculos XVIII e XIX sobre o valor artístico da gravura e fotografia são indicativos de um conflito mais

profundo de controle sobre o processo de valorização econômica num tempo quando a emergência de meios técnicos novos tornaram possível a reprodução massiva de formas simbólicas².

Um terceiro atributo do meio técnico refere-se à natureza e amplitude da *participação* que ele permite, ou requer, dos indivíduos que empregam esse meio. Diferentes meios exigem dos indivíduos que utilizem diferentes habilidades, faculdades e recursos a fim de codificar e decodificar mensagens no referido meio. As habilidades, faculdades e recursos exigidos a fim de escrever e ler uma carta pessoal, por exemplo, são diferentes dos que estão implicados escrever e ler um texto literário, e esses, por sua vez, são diferentes das formas implicadas no fazer um script, produzir, transmitir e olhar um programa de televisão. Vejamos rapidamente algumas das diferenças entre ler um texto literário e olhar um programa de televisão. Um indivíduo ao ler pode movimentar-se para diante e para trás entre os capítulos, reler passagens ou saltar adiante para ter uma ideia para onde a história está indo. Mas o esforço de ler é considerável, exigindo concentração durante um longo período de tempo; e um texto difícil pode ser particularmente exigente a indivíduos que não adquiriram o capital cultural tipicamente empregado na apreciação de obras literárias. Um indivíduo olhando um programa de televisão, ao contrário, não possui controle sobre o tempo e a sequência do que vê (ao menos, é claro, que ele esteja equipado com um vídeo para gravar, mas nesse caso o próprio meio técnico foi modificado). O componente linguístico do programa é, geralmente, falado num estilo conversacional, em vez de ser escrito numa forma literária, e ele está, em geral, integrado com um componente visual, de tal modo que os símbolos acessíveis ao sujeito são construções audiovisuais complexas. Um programa é comumente visto num contexto social, com amigos e membros de uma família, e pode ser visto com diferentes graus de atenção, desde um envolvimento intenso até uma consciência mínima de que a televisão está ligada e que determinado programa está sendo mostrado. Esta breve comparação ilustra amplamente o fato de que diferentes meios técnicos estão ligados a diferentes habilidades, faculdades e recursos, de tal modo que um meio técnico não pode ser totalmente dissociado dos contextos sociais em que ele é empregado por indivíduos envolvidos na codificação e decodificação de formas simbólicas.

2. Além do meio técnico, a troca de formas simbólicas muitas vezes envolve um aparelho institucional de transmissão. Por

“aparelho institucional” quero designar um conjunto específico de articulações institucionais dentro dos quais o meio técnico é elaborado e os indivíduos envolvidos na codificação e decodificação das formas simbólicas estão inseridos. Essas articulações institucionais são caracterizadas por regras, recursos e relações de vários tipos; eles implicam especificamente relações hierárquicas de poder entre os indivíduos que ocupam as posições institucionizadas. Em virtude de tais articulações, os indivíduos são dotados de diferentes graus de controle sobre o processo de transmissão cultural. Vejamos, por exemplo, algumas das articulações institucionais implicadas na transmissão de um texto literário. Entre as instituições específicas que podem ser relevantes para este processo estão a organização publicadora, a rede de distribuição, as instituições da mídia e o sistema educacional. A decisão de publicar um texto literário e, conseqüentemente, torná-lo acessível como um bem simbólico permanente, em última instância, com a organização publicadora, que é capaz de empregar recursos acumulados a fim de produzir e promover o livro. O quanto esse texto é efetivamente transmitido, contudo, depende também das maneiras como ele é aceito e difundido por outras instituições, tais como as ligadas à comercialização e distribuição (livrarias, clubes de livros, etc.), as ligadas à produção de jornais e revistas em que o texto pode aparecer e ser apreciado, e aquelas ligadas ao ensino da literatura e às habilidades literárias. Essas diferentes instituições constituem o que descreverei como *os canais de difusão seletiva* das formas simbólicas, isto é, o conjunto de arranjos institucionais através dos quais as formas simbólicas circulam, de diferentes maneiras e em diferentes quantidades, no mundo social. Com a mercantilização das formas simbólicas, os canais de difusão seletiva adquirem um papel central no processo de valorização econômica, na medida em que se tornam o mecanismo através do qual os bens simbólicos são trocados no mercado.

O aparato institucional de transmissão constitui não apenas os canais de difusão seletiva: ele é também um referencial dentro do qual as formas simbólicas podem ser usadas, e são afetadas, pelo exercício do poder. Em virtude da capacidade de armazenamento dos meios técnicos, as formas simbólicas podem ser empregadas como um recurso na busca de interesses e objetivos particulares – na maneira, por exemplo, como a informação registrada a respeito de uma população pode ser usada pelos agentes do estado para regular e controlar a população. E mais: a difusão das formas simbólicas é ela mesma um processo que pode ser regula-

do e controlado de vários modos. A fim de poder demonstrar esses aspectos da interação entre formas simbólicas e poder, devo dizer que o aparato institucional de transmissão se constitui num conjunto de *mecanismos para a implementação restrita* das formas simbólicas. Quando as formas simbólicas implicam o armazenamento da informação que pode ser útil em transações comerciais, ou que pode ser percebida como benéfica ou maléfica para indivíduos ou organizações particulares, então os mecanismos para implementação restrita assumem um papel importante e podem servir para limitar ou reorientar a difusão de formas simbólicas. Do mesmo modo, a história da regulamentação da comunicação de massa pode ser entendida como a história das tentativas dos agentes do estado para construir e impor mecanismos para a implementação restrita de formas simbólicas. Através da supressão da informação, do monitoramento da difusão, do controle ao acesso dos meios técnicos e da punição dos transgressores, os agentes do estado criaram uma variedade de mecanismos institucionais que limitam o fluxo das formas simbólicas e em alguns casos ligam a implementação restrita das formas simbólicas à busca de objetivos claros.

3. Um terceiro aspecto da transmissão cultural é o que pode ser chamado de distanciamento espaço-temporal. Ao discutir esse aspecto e ao relacioná-lo a outros tópicos mais adiante neste capítulo, irei apoiar-me no trabalho de Harold Innis e Anthony Giddens, sendo que ambos enfatizaram a importância do espaço e do tempo para a teoria social e para a análise dos sistemas de comunicação.³ A transmissão de uma forma simbólica implica necessariamente o desligamento dessa forma, em vários graus, do contexto de sua produção: ela é distanciada de seu contexto, tanto espacial como temporalmente, e inserida em novos contextos que podem ser localizados em diferentes tempos e locais. Podemos usar o termo “distanciamento” para nos referirmos a esse processo de se distanciar.⁴ A natureza e a grandeza do distanciamento varia de um meio técnico a outro. No caso da conversação rotineira, sem ajuda da eletrônica ou de outro equipamento técnico, há relativamente pouco distanciamento espaço-temporal. A conversação acontece numa situação que pode ser chamada de *contexto de copresença*; a acessibilidade das formas simbólicas é limitada aos participantes da conversação, ou aos indivíduos localizados na proximidade imediata, e a forma não perdurará além do momento transitório de sua execução, ou da lembrança de seu conteúdo que desaparece rapidamente. A suplementação da fala através de certos meios técnicos, como alto-falantes, telefones ou

sistemas de difusão e recepção de rádio, podem facilitar o distanciamento espacial ao mesmo tempo que garantem uma copresença temporal: uma fala pode ser transmitida por vastas distâncias de maneira que seja virtualmente instantânea e transitória. Outros meios técnicos, tais como o gravador, garantem uma maneira de fixar a fala que torna o distanciamento temporal possível. O gravador opera em geral num contexto de copresença espacial; mas quando acoplado com outros meios técnicos, tais como sistemas de difusão e recepção de rádio, pode facilitar o distanciamento tanto num plano temporal como espacial.

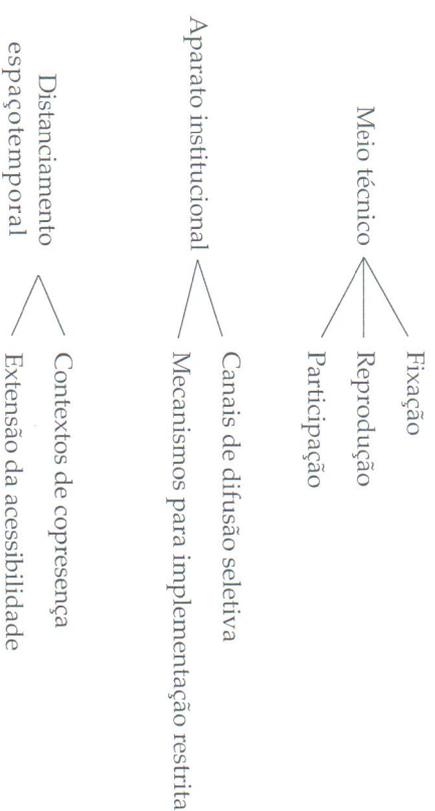
Quando as formas simbólicas são transmitidas para além de um contexto de copresença, podemos falar de *extensão de acessibilidade* das formas simbólicas no tempo e espaço, onde a natureza e o grau de acessibilidade-*extensão* dependem tanto do meio técnico de transmissão como do aparato institucional em que o meio e seus usuários estão inseridos. Diferentes meios favorecem diferentes tipos de acessibilidade-*extensão*, embora o grau a que eles efetivamente estendem a acessibilidade dependa também das instituições implicadas em seu desenvolvimento. Antes do desenvolvimento das telecomunicações, a extensão da acessibilidade no espaço exigia, em geral, o transporte físico das formas simbólicas: com poucas e importantes exceções (por exemplo, o *se-máforo*), um grande distanciamento espacial somente podia ser conseguido pelo transporte de formas simbólicas de um lugar a outro. Por conseguinte, os meios que possibilitavam a extensão da acessibilidade no espaço tendiam a ser relativamente leves e transportáveis, tais como o papiro e o papel. Com o desenvolvimento das telecomunicações, contudo, grande distanciamento espacial pode ser conseguido sem o transporte físico das formas simbólicas, dando origem a novas possibilidades de transmissão cultural e, com isso, ao exercício do poder através de distâncias espaciais. A extensão da acessibilidade no tempo requer em geral a fixação das formas simbólicas e é por isso facilitada pelos meios que permitem relativamente um alto grau de fixação e que são relativamente duráveis. Inscritos em argila e em pedra estão entre as mais duráveis, embora textos escritos ou impressos e, mais recentemente, formas simbólicas armazenadas em filmes, fitas ou discos tornam também possível a acessibilidade no tempo e, com isso, o exercício do poder através de distâncias temporais. Alguns dos mais importantes desenvolvimentos nas novas tecnologias de comunicação, tais como as redes de comunicação baseadas em computadores e a difusão direta por satélite, podem ser entendidas em parte como desenvolvimentos que ampliam a

acessibilidade no espaço e no tempo enquanto dão aos usuários dessas tecnologias maior flexibilidade e maior controle sobre as condições de seu uso.

Distingui entre três aspectos básicos de transmissão cultural – o meio técnico, o aparato institucional e o distanciamento espaço-temporal – e examinei alguns dos atributos de cada um deles. Esses aspectos e atributos estão sintetizados na Figura 4.1:

Figura 4.1

Aspectos da Transmissão Cultural



No desenvolvimento histórico dos meios técnicos, esses vários aspectos e atributos estão combinados de maneira tal que formam modalidades específicas de transmissão cultural. O desenvolvimento dos sistemas de correio, da indústria de publicação e da comercialização de livros, da indústria de filmes e das correspondentes cadeias de cinema, das redes de difusão de rádio e televisão e assim por diante, são exemplos da emergência de modalidades de transmissão cultural. Cada modalidade está baseada em certos meios técnicos que conferem às importantes formas simbólicas certos tipos de fixação e de reproduzibilidade. Cada modalidade implica diferentes tipos de instituições – o que chamei, no capítulo anterior, de instituições genéricas ou sedi-mentadas – dentro das quais as formas simbólicas são produzidas e difundidas. Cada modalidade está associada com um certo grau de distanciamento espaço-temporal que é tornado possível

pela específica combinação do meio técnico e do aparato institucional. No restante desse capítulo irei examinar, de uma maneira mais concreta e histórica, o desenvolvimento de algumas modalidades de transmissão cultural. Começarei discutindo alguns dos primeiros meios técnicos empregados para a fixação das mensagens escritas, e após isso concentrar-me-ei no desenvolvimento das modalidades associadas ao surgimento da comunicação de massa.

A escrita, a imprensa e o surgimento do comércio nas notícias

Entre os desenvolvimentos centrais no início da história da transmissão cultural estão a invenção de textos escritos e a introdução de novos meios técnicos para a fixação das mensagens escritas. Antes da invenção da escrita, a maior parte da transmissão cultural deu-se em contextos de copresença, embora alguma extensão de acessibilidade tivesse sido conseguida através de formas rudimentares de inscrição, tais como a pictografia e através da produção e transmissão de artefatos materiais. É comumente aceito que o primeiro sistema completo de escrita foi desenvolvido pelos sumerianos no sul da Mesopotâmia ao redor do ano 3000 a.C., e que um sistema um pouco diferente foi desenvolvido pouco depois, mas provavelmente de maneira independente, pelos antigos egípcios no Delta do Nilo⁵. Em ambos os casos parece provável que o desenvolvimento de textos escritos estava estreitamente ligado à tarefa de gravar informação relevante para a troca de produtos, do implemento do comércio e do exercício do poder político e religioso. A evidência mostra que as primeiras formas de escrita sumeriana consistia de pequenas placas de argila ou rótulos que eram presos a objetos e que serviam como sinal para a identificação da propriedade. Listas mais extensas de palavras estavam gravadas em placas de argila e eram aparentemente usadas para fins administrativos. Laços de pedra foram inventadas para guardar os números dos excedentes agrícolas, transportados e armazenados nas cidades, e dos bens manufaturados enviados para a zona rural. Tabuletas de argila eram feitos por gravação em barro úmido que era depois cozido no fogo para que pudesse se conservar. Durante a segunda metade do terceiro milênio, a escrita cuneiforme começou a aparecer. A escrita cuneiforme era feita num estilo triangular, o que permitia ao usuário fazer uma série de cunhas na argila. Pelo ano de 2900 a.C. desen-

volveu-se uma escrita consistindo de cerca de 600 sinais. Surgiu um pequeno grupo de escritas que conservava os dados das transações comerciais e dos acontecimentos religiosos e da vida civil. As tabuletas de cerâmica foram acumuladas como memória local e durável das atividades de cidades-estado relativamente dispersos.

O sistema sumério de escrita foi dominado e desenvolvido pelos semitas, acadianos e assírios e continuou a ser usado até o primeiro milênio a.C. Importantes informações gravadas para fins de comércio e de administração continuaram a ser seu principal interesse, mas a escrita era também usada como meio de gravar ideias religiosas, científicas, jurídicas e literárias. Durante o quinto milênio a.C., a escrita cuneiforme caiu em desuso e, finalmente, desapareceu. Foi substituída pelo alfabeto escrito, que foi, provavelmente, inventado durante o segundo milênio a.C. e se espalhou rapidamente pelo Oriente Próximo e o Mediterrâneo. Na medida em que a escrita cuneiforme desaparecia, as tabuletas de argila foram gradualmente substituídas pelo papiro e pergaminho como meios técnicos de transmissão. Folhas de papiro foram originalmente desenvolvidas no Egito pelo ano 2600 a.C. Elas eram feitas de uma planta (*cyperus papyrus*) que crescia no Delta do Nilo; as folhas eram transformadas em material de escrita ao serem amassadas com malho de madeira e postas a secar. Como material básico para escrita, ele era muito mais leve que uma pedra ou argila; podia ser transportado mais facilmente e permitia a um escriba escrever muito mais rapidamente. O papiro tornou-se o principal meio de administração durante o Novo Reino no Antigo Egito, possibilitando aos agentes do estado guardar informações sobre as reservas, bem como sobre os aluguéis e tributos coletados dos camponeses. Folhas de papiro foram também exportadas para o Leste do Mediterrâneo e junto com o pergaminho elas substituíram completamente o uso dos tijolos de argila. O papiro foi usado tanto pelos aramesus como pelos fenícios que, desde o século XIII a.C., estenderam sua influência através do Oriente Próximo e do Mar Egeu, respectivamente. Os aramesus e fenícios estavam basicamente envolvidos com o comércio e ambos desenvolveram escritos alfabéticos que foram amplamente empregados durante a segunda metade do primeiro milênio a.C., e que tiveram uma influência central nas escritas subsequentes, incluindo o arábico e o grego.

O papiro foi usado como o principal meio de transmissão até o desenvolvimento da técnica de produção de papel. O papel foi